

**MASS MEDIA, MÍDIAS DIGITAIS, ENSINO E LETRAMENTO
DIGITAL: UM PERCURSO DO LIVRO AO SMARTPHONE**

Débora Oliveira Mota Leal Pereira (UNEB)
domleal29@yahoo.com.br

Valquíria Claudete Machado Borba (UNEB)
valmborba@hotmail.com.br

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo discorrer sobre as principais interferências que os meios de comunicação de massa – *mass media* – provocaram no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo no que se refere à formação docente frente a um cenário de intensas transformações. Para tanto, realizou-se uma breve revisão de literatura, que se desenvolveu a partir de uma pesquisa bibliográfica de cunho descritivo-exploratório. O embasamento teórico do presente estudo se alicerçará no escopo da educação e da comunicação, segundo a perspectiva crítico-reflexiva, baseada nos estudos de Marcos Carlón (2013), Henry Jenkis (2002), Jean Burgess e Joshua Green (2012), dentre outros. Buscar-se-á também aporte teórico para o estudo de teorias e métodos de ensino, a partir do uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) em Levy (2008), Leffa (1998; 2001; 2006), Sibila (2012) e outros. Resultados: a inserção dos *mass media* e das mídias digitais no contexto da sala de aula configura a cultura da convergência na esfera pedagógica, envolvendo educando e educadores no processo de adaptação e confluências de saberes e técnicas para uma prática pedagógica mais eficiente. Conclusões: não adianta resistir à cultura da participação, pois esse é o percurso por que sujeitos sociais, logo, pedagógicos devem se valer para sua formação e atuação em sociedade; o letramento digital é o meio de capacitação e qualificação mais acessível à inclusão digital desses sujeitos em uma cultura da convergência.

Palavras-chave:

Ensino. Letramento digital. Formação Continuada Docente.

ABSTRACT

This article aims to discuss the main interferences in the mass media – *mass media* – provoked in the teaching and learning process, especially with regard to teacher training in the face of a scenario of intense transformations. To do so, perform a brief review of the literature, based on a descriptive-exploratory bibliographic search. The theoretical basis of this study is based – if there is no scope of education and communication, according to a critical-reflexive perspective, based on the studies of Marcos Carlón (2013), Henry Jenkis (2002), Jean Burgess and Joshua Green (2012), among others. Also seek a theoretical study and teaching methods, using Digital Information and Communication Technologies (TDIC) in Levy (2008), Leffa (1998; 2001; 2006), Sibila (2012) and others. Results: an insertion of mass media and digital media in the context of the classroom sets up a culture of convergence in the pedagogical sphere, involving education and education in the process of adapting and converging sabers and techniques for a more efficient pedagogical practice. Conclusions: there is no point in

resisting the culture of participation, as this is the tracking of social individuals, therefore, pedagogical individuals must be more valuable for their training and performance in society; digital literacy is the most accessible means of training and qualification for the digital inclusion of these subjects in a culture of convergence.

Keywords:

Teaching. Digital Literacy. Continuing Teacher Education.

1. Considerações iniciais

Muitos foram os meios de comunicação – cartas, telegramas, jornais, telégrafos, telefones, televisão, entre outros – que, ao longo do tempo, possibilitaram o encurtamento das distâncias e a abreviação do tempo para promover a comunicação e a aproximação entre as pessoas. Hoje, dias e meses que se levavam para que uma mensagem chegasse até o seu destinatário parece impensável, dada à conectividade e o imediatismo que se imprimem aos meios contemporâneos – *tablets*, *smartphones*, *notebook*, etc. – e que têm promovido muitas transformações nos mais diversos espaços e nas formas das pessoas se comportarem, se comunicarem, acessarem conteúdos, serviços e produtos, bem como obterem conhecimentos.

Das mudanças deflagradas nas últimas décadas, os avanços tecnológicos na esfera da informação e comunicação ocupam lugar de destaque – da produção à disseminação e consumo –; as novas mídias emanam interatividade e participação de seus usuários, de modo que a forma como as informações e conhecimentos são recepcionados por eles deixou de ser passiva para assumir uma modelagem “líquida”. Da Sociedade da Informação, emerge a Cultura da Convergência, em que as mídias – velhas e novas – interagem com vistas ao atendimento não apenas das demandas de seus usuários, mas também criando outras novas.

É nesse cenário de intensas conexões e interações que surgem questões acerca do seu uso no contexto educacional, uma vez que a escola é um prolongamento da estrutura social. As novas tecnologias adentraram nesse espaço e têm gerado discussões acaloradas sobre sua utilidade em sala de aula, uma vez que a sua presença é inevitável; cabe saber como ela pode ser usufruída em favor do propósito pedagógico.

Há uma resistência perceptível à inserção das novas mídias no ambiente escolar - de professores a coordenadores e gestores escolares -, ora porque argumentam sobre a dispersão em sala de aula, ora porque alegam não ver necessidade delas no processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com uma pesquisa realizada por Nagumo (2014), sobre tal distração, relata que:

A partir dos dados coletados, nota-se que há leis e regulamentos escolares que proíbem o uso desses aparelhos na escola, contudo é o professor que define as regras de uso na sala de aula. Muitos acabam por liberar o uso após o término de uma atividade para que o aluno se distraia e não atrapalhe os demais. Os estudantes tendem a transgredir as proibições e usar seus celulares por terem tempo livre na escola ou estarem entediados com as aulas. Além disso, querem se comunicar e entrar nas redes sociais ou mesmo sanar dúvidas da aula com consulta rápida à internet. Como consequências gerais desse uso, há distração dos alunos, problemas de privacidade, como a disseminação de conteúdo inadequado e “cola” nas provas. Neste cenário, indica-se que a escola compreenda as questões sociais e culturais relativas a este costume dos jovens e enxergue o fenômeno como uma oportunidade de aproximação. A escola pode negociar com os alunos para que ocorra o uso responsável desses aparelhos nesse ambiente. Assim como aproveitar a comunicação na internet para estabelecer diálogos com estes jovens e trabalhar questões éticas em relação ao uso da tecnologia. O uso inteligente da tecnologia na escola pode propiciar um ambiente de aprendizado mais colaborativo e interessante aos alunos. (NAGUMO, 2014, p. 6)

Partindo do ponto de vista do autor, à dispersão dos alunos está relacionada à ausência de disciplina, conscientização e negociação entre professor e aluno. Além do elemento “dispersão”, usado para justificar tal resistência ao celular, há ainda outros fatores que dificultam todo o processo de inserção destas novas tecnologias na educação: número insuficiente de ferramentas tecnológicas, baixa velocidade de conexão à internet, e instalações em locais inadequados ao uso pedagógico, além de faltar ao professor o domínio das TIDC para gerenciar o uso dessas ferramentas, também abordada na pesquisa do autor.

Outras pesquisas realizadas por Vivian e Pauly (2012) sobre a dispersão dos alunos com o uso do celular durante as aulas é algo tão sério que levou o deputado federal Pompeu de Mattos (PDT-RS) a propor o projeto de lei nº 2246/20075, aprovado em 2009, que vetar o uso do aparelho celular por todas as pessoas que atuam dentro das escolas, mais especificamente os alunos. Em sua justificativa, deputado argumentou que:

Segundo professores é constante a troca de “torpedos” entre alunos dentro da sala de aula e também para amigos de outra sala. Muitos deixam o celular no modo silencioso e às vezes não resistem quando recebe uma ligação atendem sussurrando em voz baixa. Outros relatos indicam que muitos utilizam o telefone para jogar, já que praticamente todos os modelos trazem opções de vários “games”. Há relatos de estudantes que usa o celular para colar nas provas, através de mensagens de texto e também armazenando a matéria no próprio aparelho. Outro ponto que tira o foco

principal que é o aprendizado dos alunos é o exibicionismo, cada dia um aluno surge com um modelo novo dotado de novas tecnologias, o celular é considerado um objeto de status entre eles (MATTOS, 2007 *apud* VIAN; PAULY, 2012, p. 3)

Fato é que a dispersão tem sido cada vez mais constante diante das tradicionais (e obsoletas) formas de ensinar, independentemente da presença desses instrumentos; quanto à alegação da desnecessidade, só um professor indisponível à inovação, não reflexivo, logo, fadado ao apagamento não percebe a latência, a importância e emergência de lançar mão desses novos recursos em favor de sua *práxis* pedagógica.

Nesse sentido, o presente artigo tem como objetivo discorrer sobre as principais interferências que os meios de comunicação de massa – *mass media* – provocaram no processo de ensino e aprendizagem, sobretudo no que se refere à formação docente frente a um cenário de intensas transformações advindas dos avanços tecnológicos e consequentes inovações.

2. Das convergências aos letramentos

As mídias tradicionais da informação – *mass media* –, como, por exemplo, a televisão e o rádio, formaram, disseminaram, mistificaram, venderam, reproduziram um manancial de informações, conteúdos, produtos, serviços numa escala admirável. Hoje, muita coisa ainda permanece nesses moldes, no entanto, as relações de consumo, a produção de conteúdos, a divulgação e a distribuição de produtos e serviços, entre outras práticas, com o advento das novas *mídias digitais*, atingem números incomensuráveis.

De acordo com Carlón (2013), o livro foi o primeiro meio de comunicação de massa da história, e, graças aos meios impressos, o conhecimento e, conseqüentemente, a informação chegou a muitos. Tais mudanças têm deflagrado a paulatina substituição dos meios de comunicação de massa pelas emergentes mídias digitais; o que não quer dizer que a emergência de uma significa a morte da outra (ou, pelo menos, ainda não). O autor relata que:

Talvez agora, mais do que nunca, sejamos capazes de compreender a importância desse período (semelhante à Neo TV de Umberto Eco, 1994), que felizmente Lotz conceitua como de transição. Neste período, encontramos tanto a última fase da televisão histórica quanto o anúncio do que estava por vir. Porque nela sobrevive uma televisão de grandes audiências, mas com dois processos fundamentais iniciados: o aumento da ofer-

ta, que levará irreversivelmente ao fim da escassez; e as novas possibilidades de escolha dos usuários, que gradualmente levarão a uma crise da programação da vida social por parte das instituições emissoras. [...] Entretanto, ainda não estamos totalmente imersos na era do fim, em que a oferta, graças a sites de mídia como YouTube e portais como o Netflix, expandiram até se tornarem quase infinitos, e a possibilidade dos usuários acessarem esses discursos em casa tornou-se muito mais simples, grátis e sem limites de horário. Se a transição multicanal tem um pouco da televisão histórica e um pouco do futuro, a época atual não pode mais ser pensada como outra fase na história da televisão. (CALÓN, 2013, p. 119, 120)

Esse autor cita que “a crise dos meios de comunicação de massa que estamos vivendo há alguns anos se deve às dificuldades, cada vez maiores, de sustentar esta operação de programar a vida social” (CARLÓN, 2013, p. 116). O fascínio que as novas tecnologias exercem sobre novas (e velhas) gerações é grande, talvez de semelhante maneira como os meios de comunicação de massa em outros tempos despertaram nas pessoas, haja vista as grandes concentrações em torno de um aparelho radiofônico e, mais tarde, do televisor. Hodiernamente, também é factível a quão influenciada e deslumbrada está à sociedade contemporânea pelas inovações tecnológicas, devido a todas as possibilidades e facilidades ofertadas pelo mundo digital (CARLÓN, 2013).

A mobilidade inerente às mídias digitais reforça a noção volátil de espaço e tempo que se tem hoje. Nesse sentido, Canclini (2008, p. 52) tece a seguinte consideração: “a comunicação digital, especialmente a de caráter móvel por meio dos celulares, proporciona, ao mesmo tempo, interação interna e deslocalização, conhecimentos e novas dúvidas”. Os *smartphones* se constituem em um dos meios de comunicação **mais utilizados no mundo** para a transmissão de informações individuais e em massa; é a chamada de “tecnosocialidade”, que mostra que os recursos de comunicação sem fio não são apenas ferramentas, mas, sim, “contextos, condições ambientais que tornam possíveis novas maneiras de serem, novas cadeias de valores e novas sensibilidades sobre o tempo, o espaço e os acontecimentos culturais” (CASTELLS *et. al.*, 2007, p. 226).

Do mesmo modo, Canclini (2008) considera que:

O caráter multimodal da comunicação sem fio modifica as formas, antes separadas, de consumo e interação, ao combiná-las num mesmo aparelho: o celular permite marcar compromissos presenciais, substituí-los, mandar e-mails ou mensagens instantâneas, lê-los ou ouvi-los, conectar-se com informação e diversão em textos e imagens, arquivar ou eliminar a história dos encontros pessoais. (CANCLINI, 2008, p. 52)

Há de se dizer que tudo isso só foi possível com a criação do meio de comunicação que revolucionou o mundo: *a internet*; muitas mudanças foram deflagradas a partir desse surgimento, alterando tudo aquilo que se conhecia a respeito das formas de comunicação. Essa rede que integra mundialmente milhares de computadores foi capaz de aproximar pessoas, diminuir longas distâncias e reduzir o tempo de transmissão de uma informação.

A *internet* passou por diversas modificações e é um dos meios de comunicação mais dinâmicos e agregadores que há atualmente, uma vez que incorpora diversos outros meios de comunicação, conferindo-lhes alcances inimagináveis. Nesse sentido, Canclini (2008) alerta para o fato de que, alguns anos depois do surgimento da televisão e do vídeo, muitas alterações de hábitos culturais foram deflagradas pelas inovações tecnológicas, e, com as transformações da comunicação sem fio, surgem novos meios de socialização entre as novas gerações (e as ascendentes também).

Muitos jornais e revistas impressos viram a necessidade de se adaptarem a esse novo perfil de usuário, passando a disponibilizar as suas versões *on-line*. Cartas, bilhetes, cartões postais deram lugar aos *e-mails*, e outros meios de comunicação, como os aplicativos, a exemplo do *Whatsapp*. Nesse percurso de transições, adaptações e repaginações, a sociedade transformou sua maneira de comunicar-se, enviando informações e trocando dados instantaneamente por meio dos celulares e computadores.

Para que usam o computador e a internet? Fazer lição, estudar, informar-se e enviar ou receber mensagens estão entre as atividades principais. Todas são formas de leitura e escritura. Distrair-se, ouvir música e jogar ocupam tempos significativos, mas não são os usos mais absorventes. (CANCLINI, 2008, p. 58)

Essas mudanças nos meios de comunicação de massa proporcionadas pelas Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) possibilitam mudanças diárias no cotidiano das pessoas, nas suas relações sociais, mas também delineiam novos espaços e fontes de aprendizagem no ambiente educativo. Essa comprovação causa transformações também nas relações dentro do espaço escolar, seja entre os sujeitos da educação, seja frente aos modos, tempos e meios de aprender e ensinar ou até mesmo no que se refere à aceção de “verdade” frente à determinada informação ou saber.

2.1. Tecnologias de época e dispositivos digitais

No centro das transformações sociais e avanços científicos, conforme afirma Castells (1999), a interação entre informática e telecomunicações, tornou-se uma realidade para o surgimento das mídias educacionais voltado para o desenvolvimento de aplicativos, transformando o modo como as pessoas pensam, comportam-se e se relacionam.

As formas de interação como a busca e a divulgação de informações a um maior número de possível de telespectador tomaram uma grande proporção após a disponibilização dessas tecnologias, mais especificamente o *smartphone*, por propiciar uma nova forma de interação. O relacionamento entre professor e aluno sofreu constantes mudanças na medida em que o educador passou de “antidualógico” e detentor universal do saber, a articulador e mediador do conhecimento, enquanto a escola, o livro, e o próprio professor deixaram de ser as únicas fontes de informação e conhecimento, logo a educação não se restringe apenas ao caráter presencial.

Com base nesse ponto de vista, Sibila (2012) cita que a escola vive uma crise genealógica ao ganhar contornos de uma tecnologia. No entanto, ainda existem alguns desajustes entre escola e tecnologia, devido a essas inadequações os corpos e as subjetividades dos jovens de hoje não entram tão facilmente em sintonia com essa instituição e, por não se encaixarem tão bem quanto costumava acontecer a alguns anos atrás, quando postos em contato, geram todo tipo de conflito e até desastres entre eles. A autora compara a escola a uma máquina antiquada, e, portanto, incompatível aos seus alunos na contemporaneidade, que também já constitui a marca de uma geração teorizada por vários autores com geração Y, Z, pós-alfa, e até N (*net*) e D (digital) ou “nativos digitais”, entre outros com mesmo sentido.

Sibila afirma que se vive um tempo de oposições entre a escola e os estudantes, devido a um enlace quase perfeito entre “os corpos e subjetividade das crianças” a um novo tipo de “maquinaria”. Sobre esses desajustes a autora diz:

Referimo-nos, é claro, aos aparelhos móveis de comunicação e informação, tais como os telefones celulares e os computadores portáteis com acesso à internet, que alargam num abismo a fissura aberta há mais de meio século pela televisão e sua concomitante “cultura audiovisual”. A partir da evidencia desse choque, originaram-se as diversas tentativas de fundir de algum modo os dois universos: o escolar e o midiático. SIBILA, (2012, p. 14)

A autora acredita que há uma tentativa de injetar a escola, e, conseqüentemente ao professor, a responsabilidade em administrar e resolver os conflitos advindos da cultura de convergência, de forma inovadora, utilizando métodos experimentais e resultados incertos. Sibila (2012, p. 25) destaca que “a perda de eficácia no funcionamento do bem azeitado das engrenagens disciplinares é, justamente, um dos indícios da crise atual”. Desse modo, a incompatibilidade entre a instituição de ensino como tecnologia de (outra) época e os jovens do século XXI seria consequência dos desajustes históricos que ainda vivemos.

2.2. Ambientes de aprendizagem virtual (AVA) para o letramento digital

A escola, como espaço de interação sociocultural, precisa receber os aparatos como recursos para a conferência de qualidade ao ensino, possibilitando tanto a inclusão/inserção digital quanto a social.

As tecnologias digitais possibilitam configurar espaços de aprendizagem, nos quais o conhecimento é construído conjuntamente, porque permitem interatividade. Não há como pensar em educação sem troca, sem cocriação. Na busca do modelo pedagógico específico da educação *online*, interatividade surge como aspecto central (SILVA; CLARO, 2007, p. 84)

As mudanças que vêm sendo deflagradas na sociedade e na escola hodiernamente têm influenciado a formação inicial e a prática dos professores significativamente (MORAN, 2000). Sendo assim, essa escolha exige mais do que uma prática docente diferenciada, isso implica competência para atuar nessa sociedade conectada, ou seja, é determinante o *letramento digital*. Unai (2008, p. 5) também defende que “conhecer e lidar com a máquina é um desafio para a educação. Respeitar o conhecimento do aluno é importante e o interesse é maior. Letramento digital é perspectiva de futuro”.

Conforme Xavier (2005), ao letramento digital compete:

[...] realizar práticas de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramento e alfabetização. Ser letrado digital pressupõe assumir mudanças nos modos de ler e escrever os códigos e sinais verbais e não verbais, como imagens e desenhos, se compararmos às formas de leitura e escrita feitas no livro, até porque o suporte sobre o qual estão os textos digitais é a tela, também digital. (XAVIER, 2005, p. 134)

Segundo Xavier (2005), as novas gerações têm dominado o letramento digital muito antes do letramento alfabético. Esta intensa utiliza-

ção do computador, especialmente os *smartphones*, para a interação entre pessoas, tem favorecido a essa geração uma habilidade de leitura e escrita diferentes das formas tradicionais de letramentos e alfabetizações. Essas inúmeras formas e possibilidades de aplicação da linguagem são consequências das mudanças tecnológicas ocorridas no mundo desde que os dispositivos e equipamentos informáticos e as novas tecnologias digitais de comunicação começaram a fazer parte intensamente da vida das pessoas.

O *letramento digital* define-se como a aquisição dos conhecimentos básicos em recursos tecnológicos no intuito de se obter acesso aos ambientes virtuais de maneira segura e de usar equipamentos que viabilizem esse acesso. Sobre ambientes virtuais de aprendizagem, Munhoz cita que:

A evolução tecnológica e o surgimento de maior fenômeno de comunicação de todos os tempos, a internet, cria locais onde proliferam informações educacionais e orientações de estudos que possibilitam às pessoas com capacidade para aprendizagem independente condições de aprender. Esses locais são conhecidos por diversas denominações, que podem ser englobadas como ambientes virtuais de aprendizagem, em que é desenvolvida a inovadora abordagem do ensino a distância por meio eletrônico. (MUNHOZ, 2013, p. 21)

O autor relata que os ambientes virtuais de aprendizagem (AVA) tornam o aluno mais autônomo, independente, devido às características diferenciadas desse novo espaço, uma delas são as habilidades que os alunos adquirem para desenvolver formas particulares de estudar e aprender. Desse modo, autores, como Munhoz, veem nos ambientes virtuais de aprendizagem um espaço de trocas de conhecimento mais significativo, já que o livro não é mais o único recurso de ensino aprendizagem, e os aparelhos celulares podem tornar-se um dos principais aliados do letramento digital.

Dessa forma, estudos dos autores mostram que a convergência tecnológica ou midiática e a integração entre os dispositivos digitais, os computadores e as telecomunicações oferecem novos espaços para práticas de leitura e escrita que podem ser utilizados na sala de aula para desenvolver o letramento digital dos educandos.

2.3. O letramento digital na formação continuada

As novidades advindas das TDIC também são responsáveis por mudanças na metodologia do ensino, e, ao longo dos anos, acabaram provocando a ampliação das formas de ensinar e aprender para além da sala de aula. No entanto, em se tratando da rede pública de ensino, em sua maioria, o modo como às novas tecnologias vem sendo aplicado beira à negligência e à marginalização desses recursos, dada a superficialidade e a subutilização já atribuída aos meios de comunicação de massa em outros tempos. Pois como diz Valente:

[...] a implantação da informática como auxiliar do processo de construção do conhecimento implica mudanças na escola que vão além da formação do professor. É necessário que todos os segmentos da escola – alunos, professores, administradores e comunidades de pais – estejam preparados e suportem as mudanças educacionais necessárias para a formação de um novo profissional. Nesse sentido, a informática é um dos elementos que deverão fazer parte da mudança, porém essa mudança é mais profunda do que simplesmente montar laboratórios de computadores na escola e formar professores para utilização dos mesmos. (VALENTE, 1999, p. 4)

O ensino ainda tem ocorrido em muitas instituições de maneira descontextualizada e, por vezes, irresponsável, de sorte que os resultados de uma efetiva formação e capacitação acadêmico-social são insatisfatórios para um tempo em que as possibilidades e oportunidades são amplas e cada vez mais acessíveis. O processo de ensino e aprendizagem em parte significativa das instituições de ensino ainda se restringe ao livro didático, à memorização de conteúdos e à reprodução de informações e saberes ainda engessados em ideologias – equivocadas e obsoletas – do século passado, ou seja, é predominante entre os professores uma prática distante de qualquer referência contextual, completa ou parcialmente isenta de sentido.

Os professores continuam falando de um divórcio ou curto-circuito entre, de um lado, escola e leitura e, do outro, o mundo da televisão, cinema e outros passatempos audiovisuais. Essa visão antagônica entre leitura e tecnologias midiáticas vem sendo recolocada há vários anos, tanto nos estudos sobre cultura como nos que são feitos sobre comunicação. Os saberes e o imaginário contemporâneos não se organizam, faz pelo menos meio século, em torno de um eixo letrado, nem o livro é o único foco ordenador do conhecimento. (BARBERO, 2002 *apud* CANCLINI, 2008, p. 33)

Embora as tecnologias digitais sejam ferramentas de múltiplas possibilidades, tanto por sua autenticidade, acessibilidade, instantaneidade e atualidade, ainda há muita resistência e rejeição por parte de muitos profissionais em utilizá-las no espaço das salas de aula. Os contextos nos quais os professores utilizam a tecnologia podem variar amplamente,

pois “os espectadores movem-se num espectro mais globalizado [...]. A digitalização incrementa redes de conteúdos e formatos elaborados a partir da circulação midiática eletrônica. Está modificando, assim, os estilos de interatividade.” (CANCLINI, 2008).

Para além da organização pedagógica de uma instituição de ensino, diversos são os esforços no intuito de desenvolver práticas que confirmem eficiência ao processo formativo, lançando mão da contextualização, da gamificação, da ludicidade, das novas tecnologias digitais de informação e comunicação. É fundamental a essa qualificação o letramento digital de seus profissionais, de modo a desobstruir as vias de convergência comunicativa e também pedagógicas. A resistência do professor em encarar esses desafios invalida-se na medida da presença, do uso, do fascínio, da utilidade, da praticidade e da aplicabilidade inerente aos meios de comunicação, potencializadas pela conectividade e capacidade e conversão de possibilidades pedagógicas. Conforme Silva Neta e Capuchinho (2017),

[...] ainda temos dificuldade em inserir as novas tecnologias da informação e comunicação no processo de ensino, a fim de transformar as características do ensino tradicional: fragmentação do conhecimento em disciplinas, classificação dos estudantes por faixa etária, divisão do tempo escolar em horas/aula, bem como a visão de alguns professores acerca do que seja ensinar e aprender. (SILVA NETA; CAPUCHINHO, 2017, p. 149)

Esse contexto não favorece para que a escola pública possa gerir um processo de ensino e aprendizagem de boa qualidade e com resultados positivos, uma vez que o espaço físico das aulas convencionais já não produz mais tanta interatividade nem atratividade diante dos novos modelos de ambientes virtuais de aprendizagem, o que demanda uma nova postura e criatividade do professor. Nesse ínterim, os espaços escolares devem “utilizar novas tecnologias, com novas linguagens e modos de interação, para pesquisar, selecionar, compartilhar, posicionar-se e produzir sentidos em práticas de letramento, de forma ética, crítica e responsável” (BRASIL, 1996, p. 202).

Dessa maneira, o letramento digital urge e a formação docente continuada nesse sentido também, pois é tempo de se lançar mãos dos meios e técnicas disponíveis para fazer a educação funcionar efetivamente. As experiências vivenciadas pelos docentes, em sua maioria, foram sedimentadas no campo presencial e fundamentadas neste mesmo ambiente; o que, hoje, é o grande responsável pelas dificuldades que alguns docentes apresentam no que se refere ao uso de metodologias e estraté-

gias inovadoras, que incluem os meios digitais.

Analisando, pois, que os docentes necessitam cada vez mais de uma formação contextualizada e contínua em virtude das múltiplas transformações sociais e tecnológicas, e, conseqüentemente, nos meios de comunicação de massa, Kenski (2001) compreende que os ambientes virtuais de aprendizagem configuram-se como um elo importante entre a escola, o conhecimento e o poder, e, assim, constitui-se como um fator decisivo para impulsionar a eficiência e a modernização da escola e da sociedade.

A reflexão na ação traz em si um saber que está presente nas ações profissionais. Diz respeito às observações e às reflexões do profissional em relação ao modo como ele transita em sua prática; a descrição consciente dessas ações pode ocasionar mudanças, conduzindo a novas pistas para soluções de problemas de aprendizagem. O pensamento crítico sobre sua atuação, assim exercitado, pode levar o profissional a elaborar novas estratégias de atuação, ajustando-se, assim, a situações novas que vão surgindo. (FONTANA; FÁVERO, 2013, p. 3)

Partindo desse contexto, surge a necessidade de se (re)pensar a formação docente, no que se refere à sua adequação às novas propostas tecnológicas, no intuito de esse profissional poder acompanhar as mudanças, principalmente em relação às multimídias, e, conseqüentemente, atender às demandas da sociedade de informação e comunicação que se configura no âmbito educacional.

[...] as tecnologias ampliam as possibilidades de pesquisa *online*, de trazer materiais importantes e atualizados para o grupo, de comunicar-nos com outros professores, alunos e pessoas interessantes, de ser coautores, “remixadores” de conteúdos e de difundir nossos projetos e atividades, individuais, grupais e institucionais muito além das fronteiras físicas do prédio. (MORAN, 2012, p. 19)

Considera-se, assim, a importância de conhecer as possibilidades metodológicas e outros suportes de aprendizagens virtuais através de atividades criativas, de um processo de desenvolvimento consciente e reflexivo do conhecimento, usando pedagogicamente os recursos como os aplicativos digitais educacionais. Do mesmo modo, pode-se lançar mão de outros recursos cada vez mais presentes no espaço escolar, como **“gamificações” (dinâmica dos games para a sala de aula)**, materiais didáticos hipermediáticos, *tablets*, lousas digitais, celulares e acesso à *internet* (redes sociais, livro digital, etc.), que permitem que as aulas de muitos professores ganhem vida nova, podendo apresentar os conteúdos aos educandos por meio de plataformas mais atraentes e mais próximas de seus hábitos, com perspectiva transformadora da aprendizagem escolar.

Terra & Wildner realizou um estudo utilizando através do AVA atividades não presenciais nos cursos técnicos presenciais, com o uso de uma ferramenta virtual gratuita (Moodle). Sua importância, bem como as dificuldades e oportunidades observadas foram analisadas através de um questionário aplicado a 120 alunos e 20 professores de um curso técnico no Vale do Taquari-RS. Segundo as autoras,

A inserção de 20% da carga horária de atividades não presenciais em cursos técnicos presenciais já é uma realidade em muitas escolas no Brasil e, para que essa metodologia seja eficaz e traga bons resultados no processo de ensino aprendizagem, é fundamental que ambas as partes envolvidas estejam bem ambientadas. [...] Percebeu-se a necessidade de um processo de treinamento inicial, detalhado e prático, do corpo docente e discente, com a utilização de todas as ferramentas disponíveis, reciclagens periódicas e um bom suporte tecnológico da escola, para auxiliar no sucesso da utilização da ferramenta durante o curso, otimizando o tempo de envolvimento dos professores e alunos, na confecção e realização das atividades, respectivamente, garantindo a qualidade das mesmas. (TERRA; WILDER, ano, p. 19)

Assim, as autoras concordam da necessidade de um processo de treinamento detalhado e prático, com a utilização de todas as ferramentas disponíveis. Destacam também que, reciclagens periódicas e um bom suporte tecnológico da escola, possibilitarão o sucesso da utilização do AVA, otimizando o tempo de envolvimento dos professores e alunos, na confecção e realização das atividades, garantindo a qualidade das mesmas. Nesse mesmo contexto, Sacristán afirma que,

A renovação na prática docente pode ser constatada, não pelo uso puro e simples desses recursos tecnológicos em seu cotidiano, mas, a partir do momento em que esses equipamentos modifiquem de forma significativa o olhar do professor diante de sua prática, suas concepções de educação, seus modelos de ensino-aprendizagem. [...] “o professor é responsável pela modelação da prática, mas está é a intersecção de diferentes contextos”. (SACRISTÁN *apud* FREITAS; LIMA, 2009, p. 2)

Pode-se dizer que as mídias têm grande poder pedagógico, pois muitas se utilizam de recursos sinestésicos – imagem, sons –, tornando-se cada vez mais necessário que a escola se aproprie desses aparatos, não apenas dinamizando o processo de aprendizagem como o tornando significativo, na medida em que educadores e educandos tornam-se mais participativos.

É preciso salientar que o uso das TDIC sem outros tipos de interação não proporciona mudança pedagógica, especialmente se aplicada apenas como suporte tecnológico para ilustrar a aula; há um potencial pedagógico e tanto nessas plataformas que deve ser fomentado, não secundário.

darizado. Em outras palavras, Leffa (1988) nos adverte que, apesar de provocar muitos debates, gerar inúmeros trabalhos na área de ensino, além da sua complexidade e/ou até aparente completude, a tecnologia não seja vista apenas como um instrumento, “o computador não substitui o professor nem o livro. Tem características próprias, com grande potencialidade e muitas limitações; o professor precisa conhecer e dominar para usá-lo de modo adequado, como um componente da complexa atividade de ensinar e aprender uma língua”. (LEONTIEV, 1978; KUUTI, 1996; ENGESTRÖM, 1999 *apud* LEFFA, 2006, p. 7).

Por outro lado, esses recursos também vêm conquistando adeptos, que buscam a renovação de seus processos de ensino e aprendizagem; a utilização de materiais autênticos e atualizados e o acesso a diferentes pontos de vista no desenvolvimento de uma perspectiva mais crítica e conectada à sociedade atual.

Diante do exposto, acredita-se que as instituições de ensino, mais especificamente as públicas, necessitam de implantação de políticas educacionais voltadas à modernização do ensino, com estruturas tecnológicas digitais de informação e comunicação, além de incentivos que motivem professores a acompanhar as mudanças das tecnologias, como uma formação continuada, de modo a complementar a metodologia pedagógica e a proposta da aprendizagem. Certamente, os recursos tecnológicos em interação com novos ambientes virtuais de aprendizagem permitirão que o acesso às informações promova saberes, conhecimentos científicos, desenvolvimentos cognitivos, diversidade de culturas, além de inclusão social e digital àqueles considerados menos favorecidos.

3. Considerações finais

Das emergências que determinam as mudanças por que passam as sociedades hoje, as mídias digitais têm promovido discussões e ressignificações acerca das relações que se estabelecem hoje com saberes, pessoas, produtos e necessidades; e os tempos, os modos e os meios de se ensinar e se aprender também convergem para esse caminho de intensas e recorrentes transformações.

No que tange à inserção das novas tecnologias no cenário escolar, não só se mostra inevitável como necessária, posto da importância de proporcionar uma educação de qualidade, produtiva e contextualizada às práticas pedagógicas inovadoras. A coexistência dos *mass media* e das

mídias digitais só tem a contribuir para o melhor tratamento das informações e conhecimentos no seio escolar, pois possibilita o dialogismo entre gerações, logo, um aprendizado mútuo.

A convergência que essas relações implicam acende a necessária discussão sobre como e em que medida deve ser administrada no espaço escolar, de modo que seu uso não se assinta na superficialidade, ou que os meios sejam relegados a uma subutilização, maculando sua potencialidade pedagógica. Capital é que a professores, coordenadores e gestores seja fomentada uma formação continuada no tocante ao letramento digital, em que tanto o livro quanto o *smartphone* sejam o elo de ajustes entre escola e tecnologia.

Foi nesse sentido que este artigo se desenrolou da percepção das convergências e dos letramentos necessários à potencialização das habilidades e competências de educandos e educadores em um cenário de intermitentes transformações. A viabilização do letramento digital por meio da capacitação e qualificação é um determinante ao processo de inclusão digital de sujeitos sociais em uma cultura da convergência, a qual não se restringe a quaisquer que sejam os espaços, muito menos promove a exclusão, prerrogativa esta de qualquer propósito pedagógico de qualidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, I. (Coord.). *Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão*. Porto: Porto, 2005.

AMORIM, A. *Inovação e Gestão Escolar e Educacional na Contemporaneidade*. São Paulo: Chiado, 2017.

BARRETO, R. G. (Org.). *Tecnologias educacionais e educação a distância: avaliando políticas e práticas*. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. *Diretrizes Curriculares Nacionais para a Formação de Professores da Educação Básica*. Brasília, 1996.

BURGESS, J. *YouTube e a Revolução Digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade*. Trad. de Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CANCLINI, N. G. *Leitores, espectadores e internautas*. Trad. de Ana Goldberger. São Paulo: Iluminuras, 2008.

CARLÓN, M. *Contrato de fundação, poder e midiaticização*: notícias do front sobre a invasão do YouTube, ocupação dos bárbaros. Matrizes. São Paulo, Ano 7, n. 1 jan./jun. 2013.

CASTELLS, M. *La era de la información: economía, sociedad y cultura*. México: Siglo Veintiuno Editores, 1999.

_____. *et al. Comunicación móvil y sociedad, una perspectiva global*. Espanha: Ariel-Fundación Telefónica, 2007.

DUDENEY, G.; HOCKLY, N. *How to teach English with Technology*. Essex: Pearson Longman, 2007.

FONTANA, M. J.; FÁVERO, A. A. Professor Reflexivo: Uma integração entre teoria e prática. *Revista de Educação IDEAU*. Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai. v. 8, n. 17, jan.-jun. 2013. Disponível em: <https://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revis-tasartigos/_1.pdf> Acesso em: 02 jun. 2018.

JENKINS, H. *Cultura da Convergência*. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JORDÃO, C. 30M.; MARTINEZ, J. Z.; HALU, R. C. (Orgs). *Formação (Des)formatada – práticas com professores de língua inglesa*. 15 v. Campinas-SP: Pontes, 2011.

KENSKI, V. M. Em direção a uma ação docente mediada pelas tecnologias digitais. In: BARRETO, R.G. (Org.). *Tecnologias educacionais e educação à distância*: avaliando políticas e práticas. Rio de Janeiro: Quartet, 2001.

LEFFA, Wilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada*: O ensino de línguas estrangeiras. Florianópolis: UFSC, 1988. p. 211-36.

_____. (Org.). *O professor de línguas: construindo a profissão*. Pelotas-RS: EDUCAT, p. 21-40. 2001.

_____. (Org.). *Pesquisa em Linguística Aplicada: temas e métodos*. Pelotas: EDUCAT, 2006.

LÉVY, P. *As tecnologias da Inteligência*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

_____. *Cibercultura*. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000.

NAGUMO, E. *O uso do aparelho celular dos estudantes na escola*. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade de Brasília. Brasília-DF, 2014.

PAIVA, V. L. M. de O. *O uso da tecnologia no ensino de línguas estrangeiras: breve retrospectiva histórica*, 2008.

SIBILA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2021, 224.

SILVA, M.; CLARO, T. A docência online e a pedagogia da transmissão. *Boletim Técnico do SENAC*, v. 33, p. 81-9, 2007.

SILVA NETA, M.; CAPUCHINHO, A. C. Educação Híbrida: Conceitos, Reflexões e Possibilidades do Ensino Personalizado. In: *II Congresso sobre Tecnologias na Educação*. Universidade Federal da Paraíba - Campus IV Mamanguape - Paraíba – Brasil 18, 19 e 20 de maio de 2017. Disponível em: < http://ceur-ws.org/Vol-1877/CtrlE2017_AC_13_62.pdf > Acesso em: 30 jan. 2020.

TERRA, C. B. WILDNER, M. C. S. *Ambiente virtual moodle como ferramenta de apoio ao ensino presencial em curso técnico*. Disponível em <http://alziradayrell.blogspot.com.br/2008/12/letramento-digital-e-ensino.html>. Acesso em 09 de mai. de 2020.

UNAÍ. Letramento Digital e Ensino, 2008. Disponível em <http://alziradayrell.blogspot.com.br/2008/12/letramento-digital-e-ensino.html>. Acesso em 08 de mai. de 2020.

VIVIAN, C. D.; PAULY, E. L. O uso do celular como recurso pedagógico na construção de um documentário intitulado: Fala sério! *Revista digital da CVA-Ricesu*, v. 7, n. 27, fev. 2012, p. 3.

XAVIER, A.C. Letramento digital e ensino. In: SANTOS, C. F.; MENDONÇA, M. (Orgs). *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 133-48